

Identidade: novas concepções para um mundo pós-moderno¹

Kennia GURGEL²

Flávia M. dos SANTOS³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

A identidade é a representação do sujeito. A identidade do sujeito do iluminismo era fechada, apesar do sujeito crescer e se desenvolver, sua essência era a mesma. Após vários discursos de teóricos e do próprio desenvolvimento da sociedade houve uma mudança na concepção do sujeito, que passou a ter uma identidade múltipla, fragmentada, incompleta, em constante processo de formação. O objetivo deste artigo, que foi confeccionado a partir de uma pesquisa bibliográfica que teve como referenciais Baumam (2005), Hall (1997), Maffesoli (2000), Santos e Gomes (2013), é explicar essas mudanças na percepção das identidades, observando assim o que elas trouxeram como consequências ao sujeito pós-moderno.

PALAVRAS- CHAVES: Identidades; sujeito pós-moderno; multiplicidade; identidades no ciberespaço; pertencimento.

Introdução

Para Guattari, (apud SANTOS; GOMES, 2013, p. 55) a “identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável.” A identidade é a representação do sujeito, sua forma de ser, suas singularidades.

Hall (1997) cita três concepções de identidade. A primeira é a identidade do sujeito do Iluminismo: o centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa. “O sujeito do Iluminismo era um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior que emergia quando o sujeito nascia” (HALL, 1997, p.10). Ele se desenvolvia ao longo da vida, mas continuava sendo o mesmo na essência.

A segunda concepção é a identidade do sujeito sociológico: o núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, dessa forma as identidades do indivíduo são formadas na interação entre o eu dele e a sociedade, ou seja, mesmo que ele tenha sua essência interior, “o eu real dele é formado e modificado num diálogo contínuo com os

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Estudante de graduação do 8º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás - UFG, email: kennia_gyn16@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Mestre em Comunicação pela UFG. Professora do Curso de Relações Públicas da UFG.

mundos culturais ‘exteriores’” (HALL, 1997, p.11). E a terceira concepção de identidade é a do sujeito pós-moderno, um sujeito fragmentado, composto de várias identidades.

O sujeito pós-moderno é composto de múltiplas identidades, identidades abertas, que estarão em processo de formação até o fim da sua vida, portanto são inacabadas. A imersão do sujeito pós-moderno no ciberespaço possibilitou com que ele crie quantas identidades quiser, tais identidades são construídas a partir do olhar do outro sobre ele, ou seja, o sujeito tende a ser aquilo que o outro deseja que ele seja, a fim de que ele tenha aceitação e se sinta pertencente a um grupo.

Portanto o objetivo desse trabalho é, através da pesquisa bibliográfica, explicar essas mudanças na percepção das identidades, observando assim o que elas trouxeram como consequências ao sujeito pós-moderno.

Mudanças na percepção da identidade

Hall (1999) comenta que autores como Marx, Freud, o linguista Ferdinand de Saussure e Michel Foucault foram grandes pensadores que com seus estudos criticaram e colaboraram com uma desconstrução da visão que o mundo conhecia do sujeito cartesiano e construíram novas ideologias para o sujeito pós-moderno, que carrega em si identidades fragmentadas. Hall (1999) ainda afirma que o feminismo foi mais um dos discursos que criticou o pensamento moderno. O movimento trouxe consigo uma “política de identidade”, ou seja: uma identidade distinta para cada movimento social das grandes minorias. Discursos que provaram que não há sujeito ou subjetividade fora da história, da linguagem, da cultura e das relações de poder.

Todos esses teóricos deixaram seus postulados para as sociedades posteriores, e a partir de suas reflexões fizeram surgir um novo modo de pensar o “sujeito”. Esses discursos descentraram o “Sujeito do Iluminismo” que era um sujeito “universal, estável, unificado, totalizado e totalizante, interiorizado e individualizado e o transformou num sujeito pós-moderno com identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas” (HALL, 1997, p.12)

As grandes transformações que vem ocorrendo mundialmente estão mudando as identidades pessoais, “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 1997, p.9) que eram sólidas

localizações do indivíduo social, abalando nossas percepções a nosso respeito e fazendo com que ocorra uma grande “crise de identidades”. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentando; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 1999, p. 12).

Santos e Gomes (2013) afirmam que a fragmentação da identidade se deu com a crise das entidades que apoiavam o indivíduo (família, igreja, trabalho, etc.) e assim o sujeito na busca desenfreada por referências “toma para si conceitos, estilos, e ideologias dispersas, muitas vezes incompatíveis entre si” (SANTOS; GOMES, 2013, p. 56).

Hall (1999) conceituou a identidade do sujeito pós-moderno: “A identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre sendo formada” [...] (HALL, 1999, p. 38).

Portanto, não se fala de uma identidade fixa, una e completa do sujeito, mas sim, de uma identidade heterogênea, fragmentada, incompleta, já que na busca da construção de singularidade do eu, o sujeito é abalado, e as identidades transformadas de acordo com a vivência com o outro. De forma que a identidade está em permanente estado de fluxo, se modificando de acordo com o olhar do outro. Santos e Gomes (2013) também seguem essa linha de raciocínio. Para elas, a “identidade é tida sempre como apriorística, inacabada e incompleta, carente de novas reconstruções e readaptações aos modelos em voga” (SANTOS, GOMES; 2013. p. 56).

É através dos movimentos de identificação, ou não identificação de discursos, ideias, gostos, pensamentos e ideologias que o sujeito constitui a sua identidade, a partir do momento em que ele tem a possibilidade de escolher ele começa a formar a sua identidade de acordo com seus gostos. Nesse processo de construção da identidade, o sujeito determina seu lugar social na comunidade e é reconhecido pelos outros, não esquecendo de que a identidade é uma construção sócio-histórica e ideológica, que mobiliza as dimensões simbólica e imaginária do sujeito, fazendo com que ele carregue em si traços da cultura e valores em que recebeu a vida inteira.

Segundo Meucci e Matuck (2005) a identidade não é um bloco fechado e acabado, mas sim é constituída a partir das relações imaginárias e simbólicas, da

constituição histórica do sujeito, da linguagem, e da alteridade, ou seja, da relação com o outro, que por sua vez, também nos constitui enquanto identidade. Portanto, trata-se de uma identidade que está em contínua relação com outras identidades, constituindo-se desde sempre. Ela está intrinsecamente ligada à ideia de “pertencimento” e é moldada nas relações com o outro e na forma como ele nos vê.

A identidade não é, pois, o que é atribuído a alguém pelo fato de estar aglutinado num grupo [...], mas sim a expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivíduo. É, ao tornar-se expressiva, que a identidade depende de um sujeito individual ou coletivo, e portanto vive do reconhecimento dos outros: a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, já que é aí que indivíduos e grupos se sentem desprezados ou reconhecidos pelos demais. (BARBERO, 2003. p. 65)

Barbero (2003) pontua o quanto o indivíduo molda sua identidade de acordo com os valores coletivos. Bauman (2005) complementa essa ideia. Para o autor a identidade pode ser conceituada com uma só palavra: pertencer, porém o “pertencer” passa por uma grande crise. Para o autor o fato de querermos pertencer a um grupo ou comunidade reforça o quanto precisamos de segurança, porém ele mesmo critica que as novas estruturas da sociedade são frágeis e transitórias, de forma com que o sujeito não poderá achar segurança nelas, pois elas possuem um ritmo acelerado e são regidas pela atemporalidade, não duram o tempo necessário. Contudo, vemos que essas novas estruturas que guiam a sociedade, principalmente a internet, podem conseguir, através do pertencimento, agregar pessoas em grupos e fazer com que elas criem suas identidades conforme valores coletivos.

Assim como a identidade tem a ver com o nosso relacionamento com o outro, ela também é construída de acordo com o modelo com que pretendemos ser vistos pelo outro. “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 1999, p. 39).

Outra coisa interessante que podemos perceber sobre a constituição da identidade no sujeito, é que elas não ultrapassam o código que já está presente na sociedade, o sujeito molda suas subjetividades de acordo com o código social já pré-existente, ou seja, como citado por Santos e Gomes (2013), trata-se de uma tendência à

“infantilização dos indivíduos, que têm como função apenas aceitar o que já foi pensado e organizado por instâncias superiores a ele.” (SANTOS; GOMES. 2013, p. 53)

Santos e Gomes (2011) alegam que apesar do múltiplo esforço do “poder” em individualizar e enquadrar os sujeitos em padrões subjetivos e identitários para melhor controlá-los e manipulá-los, não se pode negar ao indivíduo a possibilidade e o direito à diferença. Há também a identificação do indivíduo baseado nos modelos midiáticos, que tendem a aumentar o consumismo e fortalecer o império capitalista mundial.

Santaella (2004) afirma que apesar dos grandes discursos filosóficos e sociais exporem a derrubada do pensamento do “eu” estável e acabado, a mídia trabalha freneticamente pela preservação da ideia do eu. Nesse jogo, a mídia ganha, já que as imagens que elas vinculam incessantemente “dão robustez ao imaginário que alimenta as miragens do ego” (SANTAELLA, 2004, p. 49)

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e dos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas –desalojadas- de tempos, lugares, histórias, e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural” (HALL, 1999, p. 75)

Como pode ser visto, o consumismo e os novos meios de comunicação também alteram as identidades do sujeito, com tantos avisos de “compre isso, compre aquilo”, as vezes o indivíduo nem tem a necessidade de possuir o bem que está sendo oferecido, mas para crescer a oportunidade do pertencimento naquela sociedade em que está inserido, o sujeito consome determinado bem apenas para ser aceito. Cada produto oferecido talvez venha alimentar alguma das mais diversas identidades possuídas. Assim, ele consome exageradamente e às vezes até se endivida apenas para mostrar para à sociedade que ele pode portar qualquer identidade e a qualquer preço.

Bauman (2005), porém aponta que nem sempre é assim, nem todos podem escolher de forma autônoma as identidades que desejam assumir. Como afirma o autor:

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo. No outro polo se encontram aqueles que tiveram negado o acesso à escolha de identidade,

que não tem direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros –identidades de que eles próprios se ressentem, mas não tem permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam (BAUMAN, 2005, p. 44).

Como dito acima, há pessoas que lhe são negadas o direito de reivindicar outra identidade além da que já lhe foi posta pela sociedade. Essas pessoas, segundo o autor, são denominadas de subclasse, pessoas que são:

[...] exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade - fora daquele conjunto no interior do qual as identidades podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas [...] Se você foi destinado á subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori (BAUMAN, 2005, p. 46).

O autor dá a entender que pouco se pode fazer com relação a isso, essa é a lei do sistema, algo que já foi imposto socialmente há muito tempo atrás. Como já foi explicado, nossas identidades não transpassam o que já está imposto culturalmente. Pelo visto, quem tem dinheiro e poder usa da identidade que quer, e quem não tem, é sujeito a julgamentos e impossibilitado de exercer com dignidade o “eu” tão sonhado. Porém há de se enxergar também que a essas pessoas foi lhe dado o direito á diferença, como já citado anteriormente. Então talvez o que lhe foi negado é apenas um direito a escolha que a própria pessoa decidiu, já que cabe a ela própria as condições em que se encontra.

As identidades constituintes do sujeito pós-moderno faz-nos lembrar de multiplicidade, flexibilidade, maleabilidade. Como afirma Bauman (2005): “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33). Pois já que tudo no mundo se move com uma rápida velocidade, as identidades também assumem esse caráter.

O autor alega ainda que as pessoas livremente flutuantes, desimpedidas, são hoje em dia, heróis populares. “Estar ‘fixo’, ser identificado de modo inflexível e sem alternativa é algo cada vez mal visto”.(BAUMAN, 2005, p. 35) O indivíduo não pode ter apenas uma identidade, ele têm de ser flexível a novas oportunidades e incorporar

em si novos modelos identitários, essa é a nova demanda da humanidade. Não experimentar de muitas identidades seria uma limitação à liberdade de escolhas.

A fim de suprir essa demanda de consumo das identidades, Rolnik (1996) sugere que exista na sociedade a produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente do contexto geográfico, nacional e local. Como visto, o sujeito atual pode apropriar-se de qualquer identidade que quiser em qualquer determinado momento e tipo de ambiente.

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade. Com essa capacidade, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece. (BAUMAN, 2001, p. 98)

Bauman (2001) alega que nessa sociedade do consumo, onde a gama de escolhas é grande, a oportunidade de ir às compras, de escolher ou descartar novas identidades, e de estar em movimento, sempre nos dá a plena sensação de liberdade. A construção das identidades assumiu a forma de uma experimentação sem fim. Nós assumimos uma identidade nesse momento, mas muitas outras que ainda não foram testadas estão na “esquina” esperando que nós as escolhermos. Muitas identidades que ainda nem sonhamos existir vão ser inventadas, de maneira que nunca saberemos se a identidade que estamos assumindo agora é a melhor que poderemos obter e a que nos trará maior satisfação.

“Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, mas não para armazenar e manter” (BAUMAN, 2005, p. 96). É certo que assumimos diferentes identidades em diferentes momentos, diferentes ambientes e com diferentes pessoas as quais estamos nos relacionando, contudo, é importante lembrar umas das frases de Barbero (2010, p. 01): “sem raízes não podemos viver, mas muitas raízes impedem o caminhar”. Talvez um sujeito composto por tantas identidades diferentes não consiga se estabelecer em uma única identidade.

Identidades no ciberespaço

Podemos começar nosso estudo a partir do ciberespaço, que é uma das novidades da atualidade e um espaço virtual onde as pessoas se agregam e vivenciam novas formas de se relacionar com o outro, sem a presença do corpo físico mediando a comunicação.

Segundo Lévy (2011) o ciberespaço não é apenas um meio de difusão ou transporte de mensagens, mas sim um espaço interativo onde cada um contribui para modificar ou estabilizar determinada situação, negociar significados em um processo mútuo dos indivíduos e dos grupos via atividade de comunicação, contendo neste espaço instrumentos de construção cooperativa que une grupos numerosos e geograficamente dispersos. Trata-se de um ambiente que “favorece as conexões, as coordenações, as sinergias entre as inteligências individuais” (LÉVY, 2011. p. 79).

Pode-se perceber que os indivíduos usam o ciberespaço em diferentes oportunidades e por diferentes motivos, de modo que nem todos os que estão imersos nesse espaço têm a preocupação de mudar o social. Muitos dos usuários da internet buscam no ciberespaço entretenimento e novas formas de se relacionar com o outro, tal fato pode ser constatado através do crescimento exponencial das redes sociais *on-line*.

Poster (1977, apud SANTAELLA, 2004), afirma que o efeito das novas mídias é potencializar as comunicações descentralizadas e multiplicar os tipos de realidade que encontramos na sociedade. Assim como em outros tipos de mídias, o sujeito constituinte do ciberespaço também é “múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado, enfim, uma constituição inacabada, sempre em projeto” (SANTAELLA, 2004 p. 126).

A autora afirma que podemos construir uma “persona” mais fluida no ambiente simulado do ciberespaço do que em outros ambientes da nossa vida, já que a rede nos permite brincar com novos “eus” de novos modos, na interação com as outras personas do outro lado da tela através da linguagem, cultura e códigos próprios do ciberespaço. Uma das maiores possibilidades do sujeito em estabelecer vínculos mediados pelo computador tem a ver justamente com a constituição da identidade do sujeito, a facilidade em criar “personagens”, a fantasia, a mentira. Sobre isso, Lacerda (2001) defende que:

A internet abre novas potencialidades de criação de vínculos sociais e de representação social da realidade, que são apropriadas pelos usuários e teorizadas pelos intelectuais a partir de relações e usos de mídias anteriores, já estabelecidas culturalmente. Cada mídia, historicamente, buscou ser a representação mais fiel do real, logo o nosso medo de que a representação tome o lugar do real ou seja mais real que o real não é á toa, mas não podemos subestimar a inteligência, a criatividade e a astúcia dos receptores. Em muitas abordagens os tomamos como culturalmente tolos, agimos puritanamente, desconfiando do mal que as representações podem oferecer e esquecemos que as mentiras, os mitos, as narrativas fantásticas fazem parte das culturas popular e erudita (LACERDA, 2001, p. 18).

Como Lacerda (2001) afirma, as mentiras, os mitos fazem parte há tempos da cultura popular e erudita, portanto, já são comportamentos vivenciados na sociedade. O que aconteceu foi o transporte desse comportamento para o mundo *online*, que é uma extensão do mundo *offline*.

Como as afiliações sociais, que são atribuídas aos indivíduos como definição de identidade (raça, gênero, país, local de nascimento, família, classe social) estão se tornando menos importantes, o sujeito tenta arduamente encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade. Nessa busca incessante as pessoas, de acordo com Bauman (2005), procuram as “comunidades virtuais” para dar substância à identidade pessoal. Contudo, essa busca desenfreada de pertencimento torna mais difícil ao chegar a um acordo com o próprio eu. Porque quanto mais identidades a administrar, mais problemas o sujeito terá para compreender sua essência.

O sujeito imerso no ciberespaço usa na maioria das vezes a linguagem para se auto identificar, já que os recursos audio-visuais ainda não lhe estão disponíveis em todas as plataformas de interação. Dessa forma ele tende a reformular a forma como fala de si de acordo com o que sente em diferentes momentos, frente a novas experiências. Trata-se de uma identidade maleável, ou como diria Bauman (2001), uma identidade “líquida”, “flutuante”.

Meucci e Matuck (2005) afirmam que os indivíduos se expressam pelas afirmações verbais, das quais dispõem de amplo controle, e as expressões gestuais, das quais dispõem de pouco controle, já que são ações espontâneas. Como não há como demonstrar nossas emoções através dos computadores, possuímos total controle do que podemos escrever, já que não podemos confirmar com expressões faciais o que foi dito e também podemos apagar o que foi dito antes de ser mostrado ao outro. Talvez esse

seja um fator pela qual as pessoas interajam tanto umas com as outras: sem a presença do corpo físico as ações que tomamos podem ser mais controláveis, e o mistério do anonimato sempre será uma atração a parte para nós.

No ambiente do ciberespaço também trabalhamos nossa identidade a partir do que os outros pensam de nós. Talvez esse fato seja realidade pelo fator do pertencimento e da aceitação que almejamos possuir frente á sociedade. Meucci e Matuck (2005) indicam a importância da alteridade e da definição dada pelos outros na internet. Segundo eles a definição, direta ou indireta, dado pelo outro é tão importante quanto o processo de auto-definição. É o relato do outro que legitima, deslegitima ou acrescenta qualidades ao perfil do sujeito. Dessa forma o sujeito tende a sondar as qualidades que o outro preza para atribuir a si mesmo posteriormente, de maneira que o seu perfil agrade ao olhos do outro.

Lacerda (2001, p. 17), explica que a “permeabilidade entre as identidades construídas em ambientes digitais e a vida real se dá de várias formas, de acordo com as ofertas de sentido e os contratos estabelecidos entre os participantes da interação”. As identidades que criamos na internet podem ter alguma relação com nossa realidade *off-line*, não sendo necessariamente contraditórias, mas complementares. De acordo com ele, a representação de um sujeito na rede não depende da auto referência midiática ou das imagens de síntese digitais, mas “sim de uma imagem presente em nosso imaginário, que nos move e nos faz estabelecer contratos de sentido com as representação de um outro, do outro lado da tela do computador” (LACERDA, 2001, p. 16)

A opinião do sujeito, seus modos representativos sempre estão condicionados pelo olhar do outro, da sociedade. Nem tudo que o indivíduo escreve nas redes sociais, é o que ele pensa de verdade. Temos um limite do que pode ser dito nos ambientes e se o sujeito discursa uma opinião que ninguém concordará, ele provavelmente será excluído e passará a fazer parte da Espiral do Silêncio⁴ da próxima vez ele tenderá a concordar com a opinião de todos (da maioria) e se discordar de tal opinião, ficará calado, assim como não mais demonstrará suas opiniões que irá contrariamente à opinião de todos os

⁴ A teoria começou a ser estudada na década de 60, com base nas pesquisas sobre efeitos dos meios de comunicação em massa e foram elaborados pela socióloga e cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neuman. Segundo Noelle-Neuman “O resultado é um processo em espiral que incita os indivíduos a perceber as mudanças de opinião e a segui-las até que uma opinião se estabelece como atitude prevalecente, enquanto as outras opiniões são rejeitadas ou evitadas por todos, à exceção dos duros de espírito”.
(Disponível em: <https://teoriasdacomunicacao2.wordpress.com/teoria-espiral-do-silencio/>)

outros. A intenção é sempre estar incluso, ser reconhecido. Mais uma vez aqui percebemos que moldamos nossa identidade sob o olhar do outro.

Outro fator que constitui a identidade do sujeito no “ciberespaço” é a imagem, em especial a imagem fotográfica. A fotografia é a idealização de um personagem e diz mais respeito à forma como cada um gostaria de ser visto do que sobre suas identidades atuais. Por esse motivo a maioria das fotos que os usuários colocam nas redes sociais ou estão modificadas em programas de edição de imagens ou os personagens que se encontram nela estão sobrecarregados de maquiagem, trajes cuidadosamente escolhidos, cabelos minuciosamente arrumados, ou seja, pouco se mostra da vida *offline*, mas sim o que gostariam que as pessoas achassem a seu respeito. Apesar do caráter ilusório da foto, ela ainda é a primeira forma de identificação a ser usada, por tratar de um reconhecimento instantâneo. A fotografia permite aos indivíduos idealizar e construir seu modo de ser e aparecer no mundo.

Segundo Maffesolli (2000, p. 114), “o indivíduo não pode existir isolado”. Ele está ligado pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda a uma comunidade. É aí que a aparência mostra seu principal valor. Ela é motivo de agregação social, um meio de fazer parte do grupo, de reconhecer-se e ser reconhecido. É a máscara que integra a pessoa num conjunto.

Em uma sociedade tão preocupada com a aparência e seus efeitos teatrais (que transforma o sujeito comum em celebridade), aumenta-se a necessidade de ser visto e fotografado. “O real é subjugado pela supervalorização da imagem pelo imaginário” (ZAMBON; LOPES, 2007, p. 51) e a aparência tornou-se muito importante na construção da identidade individual e na apresentação de si mesmo na vida.

Vimos que o sujeito pós-moderno possui múltiplas identidades, que ele pode usar ao longo da vida, em diversos tipos de ambientes, de acordo com o que o momento pede. As identidades que o sujeito não tem, mas deseja ter, podem ainda ser compradas no “mercado das identidades”, com dinheiro, alimentado assim a sociedade do consumo, onde tudo se pode comprar. Essa possibilidade é reforçada no ambiente do ciberespaço, já que ali ele pode vivenciar histórias e personagens que talvez nunca pudesse experimentar no meio *off-line*, e potencialmente nunca ser descoberto.

CONCLUSÃO:

A identidade não é algo que o sujeito adquire logo ao nascer, ela é obtida através de um soma de valores e histórias que ele adquire ao longo da vida. A identidade do sujeito pós-moderno nunca está completamente formada, já que ela está constantemente em formação a partir da cultura, vivências, criação, consumo, olhar do outro e demais instâncias que influenciam nessa formação.

Como Bauman (2001) afirma, existe no nosso mundo atual um mercado das identidades, onde podemos percorrer por enormes gândulas a procura das quais mais combina conosco, esse supermercado porém só vende as identidades que ele acredita serem as melhores. Estamos falando em sentido figurado, porém a realidade é essa, a mídia e a sociedade tenta infinitamente adequar as pessoas em perfis “aceitáveis”, e quem não se encaixa no padrão, que ache uma forma de se adequar.

Essa forma de adequação torna-se um preconceito já que as minorias da sociedade a partir desse “padrão” passam a não ser aceitas e até ridicularizadas. Se a identidade do sujeito está nos conformes da coletividade, tudo bem, se não está, ele que se adeque ou estará sujeito a maiores constrangimentos. Aparentemente o sujeito tem acesso à identidade que ele quer, mas na realidade ele só tem acesso a algumas que já foram antecipadamente escolhidas de acordo com os padrões sociais ou que lhe é possível consumir.

Assim como a sociedade está em processo de profundas mudanças, vimos também a mudança na forma de pensar as identidades. As identidades do sujeito pós-moderno são cada vez mais múltiplas, fragmentadas, instantâneas, abertas e em constante processo de formação, e agora com a entrada desse sujeito no ciberespaço, ele têm possibilidades infinitas de ser quem quiser.

Referências:

- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ, 2003
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LACERDA, Juciano de S. **Mentiras sinceras me interessam:** a construção de representações, identidades e vínculos sociais na comunicação mediada pelo computador. Unisinos, 2001.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MEUCCI, Arthur; MATUCK, Artur. **A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais.** São Paulo: Comunicação, mídia e consumo, 2005.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade:** subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade:** saberes nômades. São Paulo: Papirus, 2006.

SANTOS, Flávia M. dos; GOMES, Suely H. de A. (orgs.). **Do segundo corpo:** investimentos na imaterialidade. Goiânia: FUNAP, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

ZAMBON, Michele; LOPES, Dirce V. **A fotografia como modo de representação da identidade:** dos cartões de visita de Disdéri ao ciberespaço. Londrina, 2007.